

Uma negativa às doutrinações - Provocação a ser “ser humano” na história oral, no feminismo e na política.

Gislaine Alves de Souza

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

RESUMO:

Resenha de PATAI, Daphne. *História oral, feminismo e política*. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

Palavras-chave: História Oral; feminismo; política

ABSTRACT:

Review of PATAI, Daphne. *História oral, feminismo e política*. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

Key-words: Oral History; feminism; politics

Daphne Patai é professora no Departamento de Língua, Literatura e Cultura na Universidade de Massachusetts em Amherst, nos Estados Unidos. Possui muitos trabalhos em literatura e implicações ideológicas. Concluiu doutorado em literatura brasileira na década de 1960, quando resolveu focar em pesquisas feministas, experiência esta que lhe rendeu vários livros voltados ao feminismo, além de abordar temáticas como história oral e política.

O livro “História oral, feminismo e política” é composto por ensaios da autora de 1987 a 2006. Patai defende que o uso da metodologia de história oral é comum nos estudos feministas e que há implicações políticas, uma vez que possibilita interferir nas estruturas que fundamentam as relações de poder. O livro é dividido em oito capítulos, através dos quais se apreendem a definição de história oral e as questões éticas envolvidas no uso dessa metodologia, além de problematizar as práticas acadêmicas e o feminismo como uma política de identidade.

Patai assinala as infundáveis discussões existentes nas tentativas de definir a história oral. Defende que, embora não exista uma demarcação precisa, trata-se de uma metodologia qualitativa que se constitui por um narrador, um entrevistador e o registro, e tem por objetivo captar a memória coletiva e a subjetividade individual. Dessa forma, propicia ouvir a história dos silenciados, encontrar uma história diferente das oficiais e

ampliar o conhecimento. Tal metodologia é comumente utilizada por historiadores, antropólogos, psicólogos e sociólogos.

O primeiro capítulo desta obra é a tradução da apresentação do livro “Brazilian women speak: Contemporary life stories”¹, no qual Patai analisou a história de vida e a subjetividade de mulheres brasileiras que, comumente, não são ouvidas. Naquela publicação, Patai (1988) descreve, com muito afeto, como ocorreu a pesquisa nos verões de 1981 e 1983. A autora salienta o cuidado na transformação da palavra falada em escrita, apresentando a textualização de narrativas em formato literário e poético, o que convoca o leitor a uma postura mais ativa. Tal trabalho é uma importante referência em narrativas pessoais, e as discussões propostas ainda se fazem atuais. Sendo assim, as ponderações de Ricardo Santhiago, prefaciador da obra aqui resenhada, são significativas, uma vez que argumenta sobre o impacto do livro e ressalta o fato de ainda não terem realizado sua publicação no Brasil.

Patai afirma que na história oral há a possibilidade de os “subalternos” falarem, mesmo que de maneira mediada, salientando que em seu livro as mulheres terceiromundistas, duplamente silenciadas pelas desigualdades de gênero e por serem do terceiro mundo, podem falar por meio das entrevistas.

A partir de uma situação vivenciada com uma entrevistada denominada Tereza, Patai defende que as questões éticas no uso da história oral ultrapassam normas profissionais, pontuando que na relação estabelecida o narrador tem um recado, possui autonomia sobre sua história e é responsável por significar suas verdades. A autora então exemplifica tal afirmativa com fragmentos da história de Rigoberta, uma ativista da Guatemala que flexibilizou suas verdades por questões políticas.

Nesta obra também nos deparamos com críticas às percepções cristalizadas do discurso acadêmico e das feministas. A partir de sua experiência de dez anos com Estudos da Mulher nos EUA, a autora reflete sobre sua crença na utopia dos estudos feministas e denuncia a doutrinação, os erros e a hostilidade presentes em tais estudos, uma vez que não possuem verdades e pautam-se em interesses particulares, como outros movimentos. Também denuncia que as feministas utilizam pesos distintos para definir o que é pessoal e o que é político. Patai objurga os exageros acadêmicos, afirmando que os espaços para autorreflexividade estão limitados às políticas de identidade. Ressalta que os escritos são produzidos por seres humanos e indaga o excesso de egocentrismo e

exibicionismo acadêmico. De maneira central, defende a liberdade e a razão, propondo mais autonomia nas produções acadêmicas.

Patai levanta ácidas críticas por meio das quais as convicções do leitor tendem a ficar diluídas. Problematiza o construtivismo social, a retórica do pós-modernismo, as políticas de identidade e as categorias coletivas que se sobrepõem aos “eus” individuais. E embasa seu desfecho nos pressupostos do humanismo, que realça as individualidades.

A história de vida é compreendida pela a autora como um tipo de história oral, o que também é teorizado por Meihy (2002)², Delgado (2006)³ e Cassab (2010)⁴. A definição de história oral desenhada por Patai no decorrer desta publicação aproxima-se da compreensão de Portelli (2009)⁵, embora ambos não tenham filiação a nenhuma corrente. Patai nomeia a história oral como “interseção entre duas subjetividades” e Portelli (2010)⁶ a apresenta como entre-vistas, encontros entre visões. Os autores concordam que essa metodologia envolve o tempo, a memória e exige uma postura ética que não se limita às deontologias, já que a história oral é um recurso político que possibilita ouvir as subjetividades.

Daphne Patai é uma importante referência nos estudos com narrativas pessoais. Acadêmica, não é ortodoxa. Na obra, demonstra autonomia intelectual, sensibilidade e perspicácia ao associar a literatura com as narrativas pessoais.

“História oral, feminismo e política” é um livro instigante, audacioso e interessante, que critica os exageros acadêmicos, as políticas de identidade que colocam as ações grupais acima das singularidades pessoais e se posiciona contra o reducionismo dogmático. A carta de esclarecimento que antecede o primeiro capítulo é melhor compreendida ao final da leitura do livro, pois a autora compartilha seu processo de amadurecimento e reforça quais valores quer ressaltar. E, nas entrelinhas, permanece a negativa às doutrinações, o que suscita sensações de angústia, liberdade e a provocação a ser “ser humano” na história oral, no feminismo e na política.

Gislaine Alves de Souza
Aluna do 9º período do Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica
de Minas Gerais, unidade São Gabriel.
E-mail: gislaine.as@gmail.com

¹ PATAI, Daphne. *Brazilian women speak: contemporary life stories*. New Brunswick: Rutgers University Press, 1988.

² MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de história oral*. 4. ed. rev. e ampl. São Paulo: Edições Loyola, 2002

³ DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *História oral: memória, tempo, identidades*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. 135 p. (Coleção leitura, escrita e oralidade).

⁴ CASSAB, Latif A. *História Oral: Miúdas consideração para pesquisa em serviço social*. Universidade Estadual de Londrina, http://www.ssrevista.uel.br/c_v5n2_latif.htm, acessado em 06 de setembro de 2010.

⁵ PORTELLI, Alessandro. *História oral e poder*. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 25, 2009, Ceará.

⁶ PORTELLI, Alessandro. *Ensaio de história oral*. São Paulo: Letra e voz. 2010.